

ANA CAROLINA SCHVEITZER

**REPRESENTAÇÕES DOS TRABALHOS FEMININOS NAS
FOTOGRAFIAS DA REVISTA *KOLONIE UND HEIMAT IN
WORT UND BILD***

Trabalho de Conclusão de Curso
para obtenção do título de bacharel
e licenciado em História pela
Universidade Federal de Santa
Catarina, sob orientação da Prof^ª.
Dr^ª. Monica Sol Glik.

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da
UFSC.

Schweitzer, Ana Carolina

Representações dos trabalhos femininos nas fotografias da revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild* / Ana Carolina Schweitzer ; orientadora, Monica Sol Glik - Florianópolis, SC, 2013.

57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Fotografia colonial. 3. Trabalho
Feminino. 4. Colonialismo alemão. I. Glik, Monica Sol. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e treze, às dezesseis horas e trinta minutos, na Sala 310 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Mônica Sol Glik, Orientadora e Presidente, pela Professora Ana Maria Veiga, Titular da Banca, e pela Doutoranda Simoni Mendes, Suplente, designados pela Portaria nº63 /HST/13 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Ana Carolina Schweitzer, subordinado ao título: “Representações dos trabalhos femininos nas fotografias da revista *Kolonie und Heimat*”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Mônica Sol Glik, a nota final 9,5, da Professora Ana Maria Veiga, a nota final 9,5, e da Doutoranda Simoni Mendes, a nota final 9,5, sendo aprovada com a nota final 9,5. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, impresso de acordo com as normas da Biblioteca Universitária e em formato digital, ao Departamento de História, até o dia seis de dezembro de dois mil e treze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata.

Florianópolis, 29 de novembro de 2013.

Banca Examinadora:

Prof.a Mônica Sol Glik

Prof.a Ana Maria Veiga

Doutoranda Simoni Mendes

Candidata Ana Carolina Schweitzer

Dedico este trabalho às minhas avós Benta Matilde de Souza e Nilza Allthof Schweitzer, que se fizeram sempre presentes nas minhas mais carinhosas lembranças.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de conclusão de curso finaliza um período da minha vida dedicado à minha formação profissional. Foram cinco anos de desafios, conhecimentos e conquistas. Momentos esses compartilhados com muitos conhecidos, amigos e familiares. Algumas destas pessoas conviveram comigo durante todos esses cinco anos de formação, outras conheci ao longo deste caminho. Pessoas que se fizeram presente de forma intensa e especial e, por isso, eu gostaria de deixar aqui meus agradecimentos.

À professora Monica Sol Glik, por aceitar participar deste trabalho, por todas as contribuições, conversas, abraços, palavras de confiança e incentivo. Foi uma grande sorte ter atrasado a disciplina de História Contemporânea II e assim, poder cruzar teu caminho.

À professora Ana Maria Veiga, pelas excelentes considerações a este trabalho. Também por ter me apresentado ao “gênero” e provocado diversas “dores de cabeças” desde então!

Ao professor Sílvio Marcus de Souza Correa, por me apresentar à História da África, tornando possível este trabalho.

À minha família, pelo carinho e amor incondicional. Agradeço por todos os tipos de incentivo e por sempre valorizar a educação como a melhor herança a ser transmitida.

A Willian Vieira, que participou desde o início deste caminho, agradeço todo o amor e carinho.

Aos colegas do LEHAF e LABIMHA, pelos conhecimentos e momentos compartilhados. Em especial, à Esther Zamboni Rossi e Angela Lima por se fazerem sempre presentes na minha trajetória.

À Simoni Mendes, pelas contribuições a todos os meus trabalhos, pela disposição e carinho de sempre.

A José Nilo Bezerra Diniz, pelas reflexões, apoio, paciência, amizade e, não menos importante, obrigada pelas castanhas!

À Maysa Espíndola, Luana Máyra e Jeniffer Silva que se tornaram muito especiais em tão pouco tempo.

A Antonio José Alves de Oliveira, por ter contribuído com críticas e sugestões para este trabalho e à minha formação. E também, pela crença no instante.

Aos amigos que ganhei já no primeiro ano de graduação, em especial, Camila Goetzinger, Luis Fernando Junqueira, João Borghezán, Mariana Goulart e Rodrigo Prates de Andrade.

Aos amigos do estágio supervisionado, pelas experiências e saberes compartilhados.

À Sabrina de Souza, que está presente na minha vida desde a primeira aula da escola. Obrigada pela sintonia de sempre!

À Évilyn de Souza Pauli, por vezes ser prima, vezes amiga.

E, por fim, a todos aqueles que participaram deste caminho e que de alguma maneira contribuíram nesta caminhada. Obrigada, de coração.

RESUMO

No final do século XIX, o imperialismo ampliou o domínio de alguns países europeus sobre o continente africano. Entre eles, a Alemanha logrou ter colônias entre 1884 e 1914. A Sociedade de Colonização Alemã foi uma das principais instituições que se empenharam para a construção de uma sociedade colonial branca e germânica em África. Também a sua Liga Feminina teve papel importante, notadamente ao se mobilizar para o envio de mulheres brancas para as colônias africanas. Nestas colônias, as mulheres alemãs trabalhavam, entre outras atividades, como professoras, governantas, secretárias, enfermeiras e domésticas em casas, no meio urbano, ou em fazendas, no meio rural. Os espaços do trabalho feminino eram compartilhados entre mulheres alemãs e africanas, além de eventuais mulheres bôeres. Este trabalho apresenta uma análise do trabalho feminino nas colônias alemãs a partir de fotografias da revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild* da Liga Feminina.

Palavras-chave: Colonialismo alemão; Fotografia colonial; trabalho feminino.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2.IMPÉRIO, SOCIEDADE E CULTURA ALEMÃ: O COLONIALISMO COMO AMÁLGAMA..... | 14 |
| 2.1 DA UNIFICAÇÃO TARDIA AO PANGERMANISMO..... | 14 |
| 2.2 UMA HEIMAT ALÉM-MAR: A INCIPIENTE SOCIEDADE COLONIAL ALEMÃ..... | 18 |
| 3. UM COLONIALISMO DE MULHERES: A PARTICIPAÇÃO DE ALEMÃS NO PROJETO PANGERMANISTA DO II REICH..... | 28 |
| 3.1 MULHERES ALEMÃS EM ÁFRICA: EXPERIÊNCIAS COLONIAIS..... | 28 |
| 3.2 A LIGA FEMININA DA SOCIEDADE DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ..... | 33 |
| 4. OS TRABALHOS FEMININOS EM FOTOGRAFIAS COLONIAIS..... | 38 |
| 4.1 “DIE KOLONIE” EM FOTOGRAFIAS: BREVES CONSIDERAÇÕES..... | 39 |
| 4.2 AS REPRESENTAÇÕES DOS TRABALHOS FEMININOS NAS FOTOGRAFIAS DA <i>KOLONIE UND HEIMAT</i> | 42 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 54 |
| FONTES..... | 55 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 55 |

1. INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1875 e 1914, a formação de impérios coloniais concomitante com a divisão dos territórios do continente africano e do Pacífico caracterizou este período, definido por Eric Hobsbawm como a “era dos impérios”. Apenas quatro anos antes, em 1871, o Estado Alemão havia se unificado, após a vitória sobre as tropas francesas na guerra Franco-Prussiana. O recém-constituído Império Alemão também se lançou na corrida por anexação de territórios e protetorados, logrando, em 1889, o que hoje corresponde aos Estados modernos do Togo, Camarões, Namíbia e Tanzânia.

A decisão de transformar a Alemanha em uma potência colonial e a busca pelo reconhecimento face aos demais impérios foi tomada por Otto von Bismarck em 1884, então primeiro chanceler alemão. Ao tratar da participação de Bismarck, o historiador Henry Wesseling afirma que o colonialismo alemão “era, na realidade, o produto das ideias e o resultado das ambições de um só homem”. O autor argumenta que 99,9% do total das possessões alemãs foram adquiridas ao tempo em que este chanceler governou¹.

No entanto, acreditando que esta explicação não é suficiente, interessa nesta pesquisa investigar a participação de outros sujeitos que colaboraram com este projeto de colonização, notadamente, a atuação feminina, tanto no que diz respeito à organização institucional através de revistas e jornais de cariz colonial; quanto ao próprio papel atribuído às mulheres na construção da sociedade alemã e na manutenção da cultura germânica nos novos domínios coloniais.

Para tanto, este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, intitulado “Império, Sociedade e Cultura Alemã: o colonialismo como amálgama”, tem por objetivo discutir sobre a situação da Alemanha no final do século XIX, também seu envolvimento com a disputa colonial entre os países europeus. Para nos aproximar da incipiente sociedade colonial alemã, os conceitos de *Heimat* e *Deutschtum* se fazem necessários e serão discutidos neste primeiro capítulo. Buscaremos neste

1 “En Allemagne et en Belgique, le colonialisme était en réalité le produit des idées et le resultat des ambitions d'un seul homme. En Belgique, c'était le roi Léopold II; en Allemagne, le chancelier du Reich Bismark”. T. do A. In: WESSELING, Henry. Les empires coloniaux euripéens (1815-1919). Paris: Gallimard, 2009, pp. 260.

espaço, também entender como estes conceitos se fizeram presentes através de instituições e associações nas colônias alemãs da África.

O segundo capítulo, intitulado “um colonialismo de mulheres: a participação de alemãs no projeto pangermanista do II Reich”, visa, num primeiro momento a partir das experiências coloniais de Hertha Brodersen e Helene Nitze, nos aproximar das motivações que levaram mulheres alemãs a emigrar para o continente africano em contexto colonial. O conceito de experiência será abordado na perspectiva da historiadora Joan Scott, questionando o caráter de “evidência” da experiência.

Ainda neste segundo capítulo, a atuação da Liga Feminina e seu envolvimento no projeto imperial alemão serão estudados. Para tanto, problematizaremos os sujeitos envolvidos nesta associação, bem como os objetivos da mesma. Por fim, a revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild*, será discutida como produto da Liga como um meio de propaganda colonial. A estrutura da revista também será problematizada, pois é necessário entender o circuito de produção das fotografias que serão discutidas no capítulo 3. Também será discutido a projeção de um ideal de “mulher” (alemã), que deveria ser portadora da cultura, responsável pela sua transmissão e manutenção nos textos que compõem a revista.

No último capítulo nos dedicamos a fotografias da Revista *Kolonie und Heimat*. No andamento da pesquisa foi possível coligir de forma serial 74 exemplares, que compreendem os anos de 1909 e 1911. Em que pese o efêmero período, sua importância se justifica devido a maior atuação da *Frauenbund* no projeto colonial alemão. Este período também coincide com a ampliação dos incentivos migratórios para o continente africano, principalmente para mulheres.

Num primeiro momento, abordaremos a prática fotográfica no contexto do colonialismo alemão e como a fotografia transformou as visões do continente africano. Também as mudanças na tecnologia fotográfica, a invenção e difusão da máquina portátil, os anúncios da Kodak.

Assim, o último tópico deste trabalho propõe-se a discutir algumas fotografias que tenham por tema o trabalho feminino nas colônias e que foram publicadas na revista *Kolonie und Heimat*. Cabe ressaltar que, para esta análise, compreendemos as fotografias como textos, informações que transmitem um conteúdo específico, necessitando assim de uma análise metodológica própria. Compartilhamos com o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses que

não se estudam fontes para melhor conhecê-las, identificá-las, analisá-las, interpretá-las e compreendê-las, mas elas são identificadas, analisadas, interpretadas e compreendidas para que, daí, se consiga um entendimento maior da sociedade, na sua transformação².

Muitos são os aspectos que carecem de reflexão, visto que o envolvimento feminino se deu de modo desigual também devido as especificidades dos projetos colônias de cada país. Para a pesquisa as reflexões permearão a participação feminina no projeto de construção de uma sociedade colonial germânica e “branca” no continente africano.

² MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. vol. 23, nº 45, julho de 2003, p. 16

2. IMPÉRIO, SOCIEDADE E CULTURA ALEMÃ: O COLONIALISMO COMO AMÁLGAMA

Os termos *Heimat* e *Deutschtum*, especialmente entre o século XIX e XX, deram suporte à criação de um sentimento e identidade nacional durante o império do II Reich. Ainda que, estes dois termos não tenham uma palavra em português que expresse o sentido atribuído a eles na cultura alemã, seu entendimento se faz importante, pois ambos permearam o processo tardio de unificação do Estado alemão e a construção do seu império colonial no ultramar.

Instituições como escolas e associações tornaram-se, em certa medida, importantes agentes na divulgação das colônias como extensão da *Heimat*. Fizeram-se presentes também, no processo de criação da sociedade colonial alemã no continente africano. Esses dois termos, agora, permeiam também este primeiro capítulo que tem por escopo se aproximar da incipiente sociedade alemã nessa passagem de século.

2.1 DA UNIFICAÇÃO TARDIA AO PANGERMANISMO

As transformações ocorridas na Europa durante o século XIX são expostas e discutidas por Eric Hobsbawm em “A Era dos Impérios”³. O historiador inglês atenta, em um primeiro momento, ao crescimento demográfico. Em 1800, somente 17 cidades na Europa tinham população maior que 100 mil habitantes, passados noventa anos, o número de cidades aumenta para 103. A Europa transformou-se não só num “formigueiro urbano”, como também numa rede de cidades de grande médio porte que iam tomando o campo a partir de seu desenvolvimento industrial e, claro, urbano⁴.

Foi no final deste “agitado” século europeu que ocorreu a unificação política dos estados alemães, tornando Guilherme I, então rei da Prússia, o Imperador (*Kaiser*) da Alemanha. A unificação ocorreu por meio de conflitos contra a Dinamarca (1864), Áustria (1866) e França (1870). Mesmo após seu reconhecimento político como império, a política de Estado alemã buscou equiparar-se às potências europeias do período, sobretudo França e Grã-Bretanha. Este processo de

³ HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

⁴ Idem, p. 43- 44.

“recuperação do tempo perdido”⁵, se deu através da acelerada modernização, e industrialização. Jorge Luiz da Cunha atenta para o acelerado processo de industrialização alemão e sua unificação. Segundo o autor, além do crescimento ferroviário a urbanização acelerada, e consequentemente o esvaziamento do campo, são outros indicativos do desenvolvimento industrial, que alcançou seu “pico”, na Alemanha, em 1871⁶.

Além do fortalecimento econômico, era necessário padronizar e consolidar os códigos de comportamento e o sentimento de pertencimento. Para Norbert Elias, a lealdade da classe alta alemã era para com sua terra ou província, e não ao império. O próprio Bismarck, chanceler alemão, era leal originalmente ao rei da Prússia. Sobre as divergências entre o nacionalismo e o processo de formação dos estados-nações, Hobsbawm argumenta que

Havia uma diferença fundamental entre o movimento para fundar estados-nações e "nacionalismo". O primeiro era um programa para construir um artifício político que reclamava basear-se no último. Não há dúvida de que muitos daqueles que se consideravam "alemães" por alguma razão achavam que isso não implicava necessariamente num único estado alemão, um estado alemão de algum tipo específico ou mesmo um estado onde todos os alemães vivessem dentro de uma área determinada, como uma canção nacional dizia, entre os rios Meuse a Oeste e Nieman a Leste, as ilhas da Dinamarca (o cinturão) ao Norte e o rio Adige ao Sul. Bismarck, por exemplo, teria negado que sua rejeição a este programa da "grande Alemanha" significava que ele não era menos alemão que um junker prussiano e funcionário do estado. Ele era alemão, mas não um alemão nacionalista, provavelmente

⁵ ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997, p. 61.

⁶ CUNHA, Jorge Luiz da. **Os Colonos alemães e a Fumicultura: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul 1849-1881**. Santa Cruz do Sul: Editora da FISC, 1991. p. 20-21.

nem mesmo um nacionalista "pequeno-alemão" por convicção, embora tenha unificado o país.⁷

A causa da unificação foi adotada por grupos da burguesia alemã, primordialmente, e só depois pela classe dominante tradicional dos Estados alemães soberanos, pelos príncipes e a aristocracia⁸. A criação do Império Alemão carregava consigo sentimentos de humilhação, oriundos dos séculos anteriores, da invasão de Napoleão à Prússia e da fraqueza política dos Estados alemães no início daquele século. Mesmo após as sucessivas vitórias militares (sobre a Áustria, Dinamarca e França), e da promoção da Alemanha para a principal potência europeia no fim do XIX, esta lembrança de humilhação e fraqueza permaneceu nos círculos de sua burguesia.

Foi essa burguesia e uma parte da classe média, que em 1871 consegue penetrar nas relações de poder do Estado Alemão, o que antes era impraticável. Ao ser absorvida no sistema de posições do funcionalismo público, concorreram e igualaram sua conduta à das elites nobres aristocráticas, gerando noções de coletividade e um *ethos*, um modo de ser, nacionalista. Mas como exaltar um caráter nacional e executar um processo de formalização numa sociedade altamente hierarquizada? Este trabalho ancora-se na perspectiva de Norbert Elias sobre como ocorre esse processo de nacionalização, que concomitantemente, conserva as barreiras sociais:

Um *ethos* nacionalista subentende um sentido de solidariedade e obrigação, não apenas em relação a determinadas pessoas ou a uma única pessoa numa posição de mando, mas também em relação a uma coletividade soberana que o próprio indivíduo forma com milhares ou milhões de outros indivíduos, coletividade essa que está, *hic et nunc*, organizada num Estado [...] e o apego pelo qual é mediado, através de símbolos especiais. [...] A coletividade é vivenciada e os símbolos são representados como algo separado

⁷ HOBBSAWM, E. J. 1917-. **A era do capital : 1848-1875**. 3. ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1982, p. 103.

⁸ ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997, p. 60.

dos indivíduos em questão, algo superior e mais sagrado do que eles⁹.

Esses símbolos passam a ser vivenciados pelos indivíduos, que agora fazem parte de um coletivo. Ao vivenciá-los, os símbolos tornam-se representantes destes indivíduos. Por isso, Elias afirma que o amor do indivíduo pela nação é um sentimento deste por um grupo de pessoas na qual ele se vê inserido. Não há um amor por “eles”, mas sim, há um amor por “nós”. De modo que esse nacionalismo é um amor próprio¹⁰. A nação passa a ser um atributo pessoal do indivíduo. Os valores da nação são os valores do indivíduo. E é por este motivo que o autor coloca que não há uma identificação, visto que este conceito subentende que o indivíduo não está na nação.

Norbert Elias considerou esse processo de unificação alemão e amadurecimento da sua população, onde esta transitou da autocracia para a participação ativa nos interesses e negócios do estado, nada excepcional. Afinal, ainda quando viviam em Estados dinásticos, aqueles considerados a massa do povo alemão conviviam com o abismo que os distanciava das elites privilegiadas do poder. A imagem de um Estado formado por privilegiados, visto como “eles”, foi se fundindo com a ideia de “nós”. Foi o processo e o grau de integração destas imagens “eles” “nós” do Estado Alemão, que Elias considerou peculiar. Pois, segundo o autor

a peculiaridade foi o grau em que os hábitos e imagens da autocracia se integraram no código nacional e na auto-imagem nacional, o caráter sobremaneira exigente, incondicional e, nesse sentido, particularmente opressivo da tradição de Estado autoritário que encontrou a expressão no ‘nós-ideal’ da nação alemã¹¹.

Na nação alemã recém-unificada esse nacionalismo é expresso pelo *Deutschtum*. Este termo adquiriu um sentido que vai além da relação dos alemães com o seu Estado político, já que o germanismo herdado através das gerações. O alemão, mesmo quando migrante, torna-se assim a “personificação do *Deutschtum*”¹². Sobre este termo,

⁹ Idem, p. 143.

¹⁰ Idem, p. 143.

¹¹ Idem, p. 303.

¹² BREPOHL, Marionilde Dias Brepohl de. **Alemanha, mãe pátria distante:** utopia pangermanista no sul do Brasil. Campinas, UNICAMP, 1993.

Stella Lorenz ressaltou sua intraduzibilidade, visto que ele une os significados de germanidade e germanismo¹³.

Com a expansão do Império alemão no final do XIX, o *Deutschtum* representou a proteção dos símbolos coletivos que formaram a nação alemã. Quando em 1890 cria-se a Liga Pangermânica, esses ideais de germanidade e símbolos são reforçados. Foi este nacionalismo associado ao imperialismo que resultou no pangermanismo como uma ideologia política. Conforme argumenta Marion Brepohl, o pangermanismo, como movimento nacionalista, sofreu alterações passando de “uma posição defensiva – de um povo oprimido a reivindicar seus direitos - para uma posição ofensiva – de negar os direitos a quaisquer outros (designados como povo, raça, religião) que não fossem considerados ‘seus iguais’”¹⁴. Apoiado nas novas teorias raciais, o Pangermanismo se diferencia da concepção de nacionalismo alemão ao propor políticas que visavam a expansão alemã e, anos depois, a superioridade da “raça ariana”.

2.2 UMA HEIMAT ALÉM-MAR: A INCIPIENTE SOCIEDADE COLONIAL ALEMÃ

A política assumida por Otto von Bismarck para encarar o crescimento desigual e acelerado da industrialização alemã favorecia o fortalecimento da política de exportação. O chanceler alemão acreditava que assim, com o crescimento da indústria, a emigração de alemães seria abatida. Sua política promovia a proteção à agricultura e indústria, “grãos e aço”. Sobre os fluxos migratórios, cabe a ressalva que entre 1821 e 1850 cerca de 650.000 alemães emigram dos estados germânicos¹⁵. O parlamento alemão, na década 1890, estava dividido em três posturas: um grupo que defendia o investimento de relações comerciais na América Latina, respeitando a doutrina Monroe; outros defendiam a aquisição de colônias no continente africano, sugerindo que assim o trabalho de seus colonos seria a favor da economia alemã; um terceiro grupo era contra a aquisição de colônias no continente africano, e argumentava que na América Latina havia infraestrutura para os

13 LORENZ, Stella. Processos de purificação: expectativas ligadas à migração alemã para o Brasil (1880-1918). **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 17, 2008, p. 29.

¹⁴, Marion . **Imaginação literária e política**: os alemães e o imperialismo - 1880-1945. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2010

¹⁵ Idem, 2010, p. 40.

interesses econômicos do *Reich*, podendo nestas regiões também contar com a presença dos *Auslandsdeutschen* (Alemães no exterior)¹⁶.

Conforme denominado por Hobsbawm, o período entre 1875 e 1914 tornou-se a “Era dos Impérios”. Isso porque, foi o período onde um alto número de governantes se denominava imperadores. Mas, de um novo tipo de império, o colonial. Sobre o termo imperialismo, e sua distinção conceitual em relação ao termo colonialismo, anoro-me na diferenciação proposta por Edward Said, em “Cultura e Imperialismo”¹⁷. Para Said, o termo imperialismo designa “a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano governando um território distante; o colonialismo, quase sempre uma consequência do imperialismo, é a implantação de colônias em territórios distantes.” Ainda, para Michael Doyle¹⁸, faz-se importante atentar para a própria conceituação do que viria a ser um império, na acepção do autor, o império é

uma relação, formal ou informal, em que um Estado controla a soberania política efetiva de outra sociedade política. Ele pode ser alcançado pela força, pela colaboração política, por dependência econômica, social ou cultural. O imperialismo é simplesmente o processo ou a política de estabelecer ou manter um império.

Desse modo, nas palavras de Said, reside a percepção de que nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição.

Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação: o vocabulário da cultura imperial oitocentista clássica está repleto de palavras e conceitos como “raças servis” ou “inferiores”, “povos subordinados”, “dependências”, “expansão” e a “autoridade” E as ideias sobre a cultura eram explicitadas,

¹⁶ Idem, p.45.

¹⁷ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 43-44.

¹⁸ DOYLE, Michael. Empires. In: SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Op. Cit. p. 43

reforçadas, criticadas ou rejeitadas a partir das experiências coloniais.

A Alemanha iniciou sua inserção nesta “era” em 1884, quando ocorre a “conversão colonial de Bismarck”¹⁹. Henry Wesseling, ao estudar a partilha do continente africano, propõe que esta discussão pode ser apresentada de diferentes modos, e que sua opção foi se preocupar com “as pessoas e suas motivações”, dando mais “ênfase aos fatores individuais”²⁰. Ao abordar o movimento colonial alemão, o autor destaca a atuação do chanceler alemão, afirmando que o nascimento do império colonial alemão ocorreu em abril de 1884, quando Bismarck estendeu a proteção do Reich à Luderitz-land²¹.

Os interesses de Bismarck, segundo Wesseling, para com a expansão alemã estavam relacionados com motivos políticos internos (as eleições que ocorriam no ano de 1884) e externos (relações com a França e Grã-Bretanha). Todavia, mesmo sendo um grande estadista e diplomata, Bismarck necessitou de assistência para a empreitada colonial alemã. Este amparo foi dado por parte de duas associações: a *Kolonialverein* (Associação Colonial) e a *Gesellschaft für deutsche Kolonisation* (Sociedade para a Colonização alemã). A primeira, fundada em dezembro de 1882, na cidade de Frankfurt, era comandada por grandes empresários e capitalistas, obteve ainda em seu primeiro ano cerca de três mil associados e chegou a 10 mil membros em 1895. A segunda associação, fundada em 1884, na capital Berlim, era composta por pequenos burgueses e comandada por Carls Peters. Ambas as entidades tinham por objetivo a expansão colonial, porém elas tinham suas diferenças. Enquanto a *Kolonialverein* se dispôs a preparar os alemães para seu novo papel mundial, a *Gesellschaft für deutsche Kolonisation* buscava apoio financeiro para formar uma colônia alemã na África Oriental. Em defesa da “*Weltherrschaft*” (dominação mundial)²², estas duas associações uniram-se em novembro de 1887, criando a *Deutsche Kolonialgesellschaft* (Sociedade Colonial Alemã).

Além do amparo destas duas associações, os círculos industriais e comerciais também manifestaram seu apoio à colonização e,

¹⁹ WESSELING, H. L. **Dividir para dominar**: A Partilha da África 1880-1914. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 123.

²⁰ Idem, p.14.

²¹ Idem, p. 125.

²² BREPOHL, Marion . **Imaginação literária e política**: os alemães e o imperialismo -1880-1945. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2010 p. 54.

consequentemente, ampliação do mercado. Em 15 de novembro de 1884, através de um breve e imponente discurso do chanceler alemão, iniciou a Conferência de Berlim²³. Nela, Alemanha, Grã-Bretanha, França, Portugal, Holanda, Bélgica, Espanha e Estados Unidos, firmaram o reconhecimento do Estado Livre do Congo, aprovaram duas áreas de livre comércio e reafirmaram suas obrigações humanitárias com as populações africanas. Ainda que existisse uma disputa por colônias, protetorados e zonas de influências, Wesseling esclarece que foram nos anos seguintes à Conferência que ocorreu a corrida por protetorados²⁴.

Aproximadamente cinco meses antes da Conferência, em 24 de abril de 1884, o II Reich estendeu sua proteção às possessões do comerciante alemão Adolf Lüderitz, no sudoeste africano²⁵. Neste contexto, fundou-se o império colonial alemão, que abarcou no continente africano as regiões de Togo, Camarões, Tanzânia e o Sudoeste Africano (atual Namíbia).

Todo este processo para a aquisição de colônias na África não fora um “impulso colonial”, mas sim uma opção estrategicamente pensada por Bismarck e seus apoiadores. A participação alemã no colonialismo não se justifica apenas por motivos econômicos, apesar de existentes, eles não foram únicos. Sobre as motivações do colonialismo, Hobsbawm afirma que:

A primeira coisa que o historiador tem de restabelecer é o fato óbvio, que ninguém teria negado no anos de 1890, de que a divisão do globo tinha uma dimensão econômica. Demonstrar-lo não é explicar tudo sobre o período do imperialismo. O desenvolvimento econômico não é uma espécie de ventríloquo com o resto da história como seu boneco. Neste sentido, mesmo o homem de negócios mais limitado à procura do lucro em, digamos, minas sul-africanas de ouro e diamantes jamais pode ser tratado exclusivamente como uma máquina de ganhar dinheiro. Ele não ficava imune aos apelos políticos, emocionais, ideológicos, patrióticos ou mesmo raciais associados de modo tão patente à expansão

²³ WESSELING, H. L. **Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p.130.

²⁴ Idem, p. 143.

²⁵ Idem, p. 127 – 130.

imperial.²⁶

Os investimentos feitos nas colônias alemãs eram, na sua maioria, de financiamento privado. Mesmo após a demissão de Bismarck, o investimento estatal feito pelo II Reich foi modesto. Economicamente as colônias desenvolveram plantações de café, algodão, borracha, sisal²⁷, também a pecuária teve seu destaque na Namíbia. Ainda na costa da colônia do Sudoeste Africano, a exploração dos recursos naturais foi a principal atividade econômica. Destacavam-se a extração de minérios como cobre, fósforo e mármore²⁸. No litoral e na parte insular desta colônia alemã, além da extração do guano, praticava-se a pesca e a caça a baleias e leões marinhos. A mão de obra para a execução das atividades extrativistas era, em grande parte, nativa, no entanto o capital era privado, visto a criação de companhias e sociedades na região naquele período. Para ficar num exemplo, em 1912 havia duas companhias baleeiras em atividade no sudoeste africano. Uma possuía capital inglês e tinha sede na Cidade do Cabo, a segunda companhia possuía capital alemão e sua sede era em Hamburgo.

A descoberta de diamantes na Namíbia, em 1908, estimulou novamente a ida de alemães para a África. Apesar de não ter ocorrido um grande fluxo migratório, como almejava Carls Peters²⁹, no ano de 1912 havia aproximadamente 22 mil “brancos” nas colônias africanas: 14.816 no Sudoeste Africano, 4.886 na Tanzânia, 1.537 no Camarões e 345 no Togo³⁰. Mas, havia, além dos interesses econômicos, outras motivações que levaram os alemães a emigrar para o continente africano.

Conforme Sílvio Correa, em seu estudo sobre o conceito de migração, este teve como “fundador” E. Ravenstein, quando publicou, em 1889, “As leis da migração” no *Journal of the Royal Statistical*

²⁶ HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p.105.

²⁷ BREPOHL, Marion. **Imaginação Literária e Política: Os Alemães e o Imperialismo 1880/1945**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 68.

²⁸ CORREA, Sílvio M. de S. **Imigração e privatização dos recursos naturais na África durante o colonialismo alemão (1884-1914)** in NODARI, Eunice S. (org.) **História Ambiental e Migrações**. São Leopoldo: OIKOS, 2012, p.15 – 34.

²⁹ BREPOHL, Marion. **Imaginação Literária e Política: Os Alemães e o Imperialismo 1880/1945**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 69.

³⁰ SMITH, Woodruff D. **The German Colonial Empire**. University of North Carolina Press, 1978, p. 51.

Society. Correa atenta que a migração parte de um abandono de uma localidade anterior de habitação e busca de um novo lugar para viver, sendo este novo local previsto como permanente e tendo uma distância significativa do local que se abandonou³¹.

Os alemães que se deslocaram espacialmente para as colônias, almejavam uma estadia permanente. A propaganda colonial incentivou esta migração, especialmente ao divulgar que as colônias compunham a *Heimat*. Como atenta Giralda Seyferth, assim como *Deutschtum*, o conceito de *Heimat* tem um significado peculiar na língua alemã³². Não há uma palavra em português que expresse o sentido que o termo *Heimat* adquiriu na língua alemã. O povo alemão carrega consigo o *Deutschtum*, seu modo de ser, que vai uni-los além do território da Alemanha. Visto que, a nacionalidade como característica étnico-cultural vai além das fronteiras territoriais. A nação dos alemães é sua *Heimat*, esta é seu “verdadeiro lar”, é o país a qual o indivíduo está ligado seja por nascimento, por lembrança, por laços emocionais³³. Também por herança, pois tem-se a concepção que a nacionalidade é recebida por meio de herança de sangue.

A palavra *Heimat* deriva de *Heim* que significa lar, assim a *Heimat* é o lugar onde um alemão constrói seu lar. Méri Frotscher ao analisar as obras do viajante alemão Richard Katz, define *Heimat* como um “espaço cultural transcendental”³⁴. Dessa maneira, sendo um espaço cultural que excede as fronteiras, os alemães poderiam transformar suas colônias africanas na extensão da *Heimat* alemã. Para isso, era necessária a manutenção do *Deutschtum*.

Os laços de sangue, a língua e a cultura alemã sustentavam a nacionalidade dos imigrantes e possibilitavam a construção de uma *Heimat* alemã mesmo estando estabelecidos em outro continente. Giralda Seyferth ao estudar os imigrantes alemães e seus descendentes no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, refletiu como a vida comunitária e as instituições como escola, igreja, imprensa, auxiliaram na

³¹ SCHRADER, 1989, p. 436 in CORREA, Sílvio M. de S. **Migracion, Integracion y Capital Social**. 2002 p. 74.

³² SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense da Cultura, 1981. p. 42 – 47.

³³ Idem, p.46.

³⁴ FROTSCHER, Méri . Viajando para casa: reformulações da *Heimat* e de identidade na obra de Richard Katz (Dossiê Brasil/Alemanha: cultura e identidades). **Espaço Plural** (Unioeste), v. 9, 2008, p.105.

“conservação” do espírito alemão em terras subtropicais³⁵.

Nas colônias alemãs da África algumas destas instituições também tiveram papel importante para a criação de uma sociedade colonial alemã. No *Adressbuch*, guia de endereços da cidade de Luderitzbucht, datado de 1914, foram listadas dezessete associações. Os seus interesses eram variados. Havia desde instituições voltadas a assuntos financeiros e comerciais (*Gewerbe-Verein für Südwestafrika*, *Kaufmännische Vereinigung*, *Haus-und Grundbesitzer-Verein*)³⁶, a lazer e ao esporte (*Literarischer Verein*, *Männer-Gesang-Verein*, *Schach-Klub*, *Tennis Klub*, *Luderitzbuchter Renn Verein*, *Männer-Turnverein Lüderitzbucht*)³⁷. Algumas destas associações eram destinadas aos homens, mas havia também aquelas que tinham como alvo o público feminino, como a *Katholischer Frauenbund* e a *Frauenbund der Deutschen Kolonial-Gesellschaft*³⁸.

Por meio de encontros e eventos (bailes, jantares, leilões) realizados em sua maioria nos hotéis locais, essas associações estimulavam a sociabilidade entre os imigrantes alemães. Conforme Sílvio Correa, as práticas de sociabilidades dependem das formas de interação dos indivíduos, podendo assim, diminuir as distancias sociais de uma comunidade ao oferecer uma imagem mais homogênea de si mesma³⁹. Ao atentar para a recente unificação do estado alemão, Correa também comenta as idiosincrasias existentes entre os imigrantes, visto que muitos destes nasceram antes da unificação e não falavam o alemão padrão. Segundo este autor,

Apesar da identidade alemã ter forte apelo entre as associações, ela não anulou a clivagem social que havia na comunidade de alemães na Baía de

³⁵ SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense da Cultura, 1981, p. 126.

³⁶ Associação de Negócios do Sudoeste Africano, Associação Comercial, Associação de Agrários ou Proprietários de Terra.

³⁷ Associação Literária, Associação Masculina de Canto, Clube de Xadrez, Clube de Tênis, Associação de Corrida de Luderitzbucht, Associação Masculina de Ginástica.

³⁸ Liga de Mulheres Católicas, Liga Feminina da Sociedade de Colonização Alemã.

³⁹ CORREA, Sílvio M. de S. Sociabilidades numa pequena cidade portuária do sudoeste africano (1884-1914). **Revista Urbana** (Dossiê Cidades e Sociabilidades), Unicamp, v.4, n.5, 2012, p. 02.

Lüderitz. Diante do pequeno número de alemães, os poucos que já faziam parte da elite prussiana ou bávara tiveram que conviver com seus compatriotas de origem regional diversa, além da origem social distinta, burguesa ou plebeia. Em certos lugares públicos como cafês ou salões de baile, isso favoreceu uma sociabilidade entre alemães pautada pelas circunstâncias e talvez ainda mais por uma questão de identidade nacional (e racial) do que por uma afinidade de classe.⁴⁰

Ainda que, existisse uma clivagem social entre os colonos, o nacionalismo e o pangermanismo promoviam uma identidade alemã, esta difundida por meio das associações. Todavia, para a consolidação de uma sociedade colonial alemã, era importante ressaltar esta identidade e distanciar-se socialmente e culturalmente dos nativos africanos. Em seus eventos esportivos, jantares, reuniões este distanciamento se fazia presente. Através de regras, restrições a determinados espaços, os nativos africanos eram excluídos dessas práticas de sociabilidades.

Era somente nos festejos dedicados ao “*Kaiser Geburtstag*” (aniversário do Imperador), em algumas comemorações civis, também nas corridas de cavalos onde a participação dos nativos era acolhida. Certos régulos locais eram convidados, e em algumas corridas de cavalos os nativos podiam competir, embora respeitando as hierarquias da sociedade colonial. Mas a participação dos nativos africanos se fazia, em grande parte, de maneira assistencialista, como público expectador.

Não somente por excluir, ou inviabilizar, a participação dos africanos nestes eventos e associações, seria possível a preservação do *Deutschtum*. Entre as finalidades dos eventos esportivos estavam a manutenção de uma consciência de povo alemão, também a divulgação do sentimento patriótico, e reprodução de uma hierarquia colonial. Além disto, as bandeiras e uniformes igualmente auxiliavam na exaltação dessas ideias. Para Correa, estas associações foram “células ideológicas de reprodução do germanismo”⁴¹.

Embora estas associações tenham tido papel importante na

⁴⁰ Idem, p. 06

⁴¹ CORREA, Sílvio M. de S. Colonialismo, Germanismo e Sociedade de Ginástica no Sudoeste Africano. **Recorde: Revista de História do Esporte**.v. 5, n. 2, julho-dezembro de 2012, p 18.

formação de uma sociedade colonial alemã, outras instituições também atuaram como “células ideológicas de reprodução do germanismo”. Entre elas, destacam-se neste trabalho as escolas criadas em território colonial alemão.

O historiador Sílvio Correa ao tratar das escolas coloniais, analisou-as como espaços híbridos e de fronteiras culturais, linguísticas e religiosas. A questão educacional nas colônias, como bem ressaltou o autor, consistia em duas vertentes, ou dois desafios: assegurar aos filhos dos imigrantes alemães uma base cultural para que assim assumissem seus papéis dentro da sociedade colonial, “enquadrá-los no *status quo*” dessa sociedade, evitando a “cafrealização”; também civilizar os filhos dos nativos africanos, tornando-os, de certa maneira, diferentes dos seus pais⁴².

É notável a atuação das escolas missionárias, mesmo antes do colonialismo alemão. Contudo, já no final do século XIX estavam estabelecidas nos domínios coloniais do II Reich escolas governamentais, posteriormente também escolas destinadas a trabalhos manuais e agrícolas. No ano de 1912, somente na colônia do Sudoeste Africano (atual Namíbia) somavam-se 17 escolas governamentais, também um jardim de infância foi inaugurado no mesmo ano⁴³.

Ainda como ressaltou Sílvio Correa, a educação para filhos de nativos e filhos de alemães ocorria de maneira distinta. Enquanto que, para os primeiros o ensino destinava-se a formar para o trabalho e, de certa maneira, educá-los para servir ao colonialismo; os segundos recebiam uma educação com objetivo de reproduzir uma elite colonial “branca”.

Neste sentido, as escolas compartilhavam com as associações suas funções de “células ideológicas de reprodução do germanismo”, para a construção de uma sociedade colonial alemã. Sobre a constituição de sociedade a relação indivíduo-sociedade, este trabalho ancora-se na perspectiva de Norbert Elias, quando afirma que:

a palavra “eu” careceria de sentidos se ao proferi-la não tivéssemos em mente os pronomes pessoais referentes também às outras pessoas. A forma

⁴² CORREA, Sílvio M. de S. Fronteiras da educação na África sob domínio colonial alemão. **Revista História da Educação – RHE**, v. 16, n. 37 (2012). Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p.06.

⁴³ Idem, p. 10.

dupla do nome próprio explicita o que, por sinal, é obvio: que cada pessoa emerge de um grupo de outros cujo sobrenome ela carrega, em combinação com o pronome individualizante. Não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós⁴⁴

Para discutir, ao longo deste capítulo, a criação de uma sociedade colonial, as instituições citadas anteriormente tiveram papel considerável. Contudo, a família, no âmbito privado, também possui papel importante na constituição da identidade-eu e, conseqüentemente identidade-nós. Nesse sentido, foi também por meio desta esfera doméstica, que as mulheres alemãs atuaram no projeto pangermanista do II Reich e tornaram-se “células ideológicas” de manutenção e reprodução do germanismo nas colônias alemãs da África.

⁴⁴ ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.152.

3. UM COLONIALISMO DE MULHERES: A PARTICIPAÇÃO DE ALEMÃS NO PROJETO PANGERMANISTA DO II REICH

Conforme discutimos no capítulo anterior, para a manutenção de uma consciência de “povo alemão”, as associações e as escolas tiveram desempenho importante dentro do colonialismo alemão. Contudo, outros sujeitos também atuaram na construção de uma sociedade colonial, entre eles as mulheres alemãs. Assim, neste capítulo, dedicamo-nos a um breve estudo da participação de mulheres alemãs neste projeto colonial do II Reich.

Para tanto, abordaremos, num primeiro subcapítulo, as experiências de duas alemãs: Helena Nitze von Falkenhausen e Hertha Brodersen-Manns. Cabe a este tópico também discutir o conceito de experiência, e suas implicações para um estudo que busca aproximar-se da incipiente sociedade colonial alemã. Num segundo subcapítulo procuramos abordar a criação da Liga Feminina da Sociedade de Colonização Alemã e seu engajamento no projeto colonial alemão, tendo como foco a sua revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild*.

3.1 MULHERES ALEMÃS EM ÁFRICA: EXPERIÊNCIAS COLONIAIS

Durante os trinta anos (1884-1914) de domínio colonial alemão no continente africano, diferentes foram as motivações que levaram cerca de 20 mil “brancos” a se estabelecer nestas colônias. Na colônia do Sudoeste Africano, a descoberta de diamantes na Baía de Lüderitz, em 1908, incentivou a ida de novos colonos, também “nativos” para o trabalho nas minas. Sobre a diversidade da população considerada “nativa” pelos alemães, Sílvio Correa ressaltou, por meio de análises de processos nas regiões mineiras de Luderitz, que entre as origens destes trabalhadores estavam *ovambos*, *hereros*, *Kru*. Ainda sobre a paisagem humana da colônia do Sudoeste Africano, o autor observou que,

Swakopmund contava em 1913 com a seguinte população: 1.463 europeus (apesar da maioria ser de origem alemã, havia um pequeno número da Europa setentrional, especialmente da Grã-Bretanha e da Escandinávia); 2.067 nativos, dos quais se contavam Herero (437), Damara (465), Nama (160), Bastards (49), Bosquímanos (21),

Ovambo (944); e, 219 africanos estrangeiros, sendo eles do Cabo (100), Kru (104), Togo (6) e Camarões (9)⁴⁵.

O casamento, a busca por um trabalho, as atividades missionárias são algumas motivações que levaram mulheres alemãs a viver nas colônias. Conforme discutido no capítulo anterior, a Alemanha era fortemente hierarquizada socialmente, assim o deslocamento para as colônias possibilitava à mulheres de origem camponesa ou operárias uma ascensão social. Visto que a migração, como um deslocamento espacial significativo e o novo local esperado como permanente, também está vinculada a uma busca por mudanças e melhoras. Cabe ressaltar, que além das motivações que levam o sujeito ao deslocamento, seja para reduzir o efeito das tensões estruturais ou mudar sua situação social, também os “aspectos microestruturais” têm influência nos processos de migração⁴⁶.

Assim, neste capítulo, para tentar nos aproximar das motivações que influenciaram a ida de mulheres para as colônias africanas, também a construção da incipiente sociedade colonial alemã, abordaremos as experiências coloniais de duas mulheres, Helene Nitze von Falkenhausen e Hertha Brodersen-Manns.

Helene Nitze nasceu em Weissenburg, na Alemanha, em 1875. Seu pai, Albert Nitze, mudou-se com a família em 1894 para Windhoek, tornando-se um dos primeiros colonos daquela região. Helene foi a primeira professora habilitada a trabalhar na cidade de Windhoek (hoje capital da Namíbia), na colônia do Sudoeste Africano.

No ano de 1899, ela se casou com o fazendeiro Friedrich von Falkenhausen. Todavia, em janeiro de 1904, os Hereros iniciaram, na colônia do Sudoeste Africano, um levante reivindicando as terras ocupadas pelos colonos alemães. Invadiram fazendas e mataram colonos. O governo local alemão solicitou reforços, e cerca de 14 mil soldados alemães foram enviados para a colônia do sudoeste africano. Esta “Guerra Colonial” perdurou durante quatro anos, provocando a morte de 70 mil hereros, sendo este considerado o primeiro genocídio

⁴⁵ CORREA, Sílvio M. de S. **Notas sobre a paisagem humana na África do Sudoeste Alemão, 2012**. Texto cedido pelo autor.

⁴⁶ CORREA, Sílvio M. de S. **Migracion, Integracion y Capital Social**. 2002, p. 74.

do século XIX⁴⁷. Em decorrência desta guerra, a fazenda da família de Helene foi invadida e seu marido, morto.

Tendo em vista as inseguranças resultantes da guerra, Helene von Falkenhausen decidiu voltar para a Alemanha, com a família. Foi lá que Helene escreveu dois livros com memórias sobre suas vivências no Sudoeste Africano. “*Ansiedler-Schicksale. 11 Jahre in Deutsch-Südwestafrika: 1893-1904*” e “*Deutsch-Südwestafrika: Kriegs-und Friedensbilder*”⁴⁸ foram publicados respectivamente em 1905 e 1907. Seu primeiro livro também foi vendido na colônia alemã, custando o valor de quatro marcos, segundo anúncio publicado no jornal local, *Deutsch-Sudwestafrikanische Zeitung*⁴⁹.

Com o término da Guerra Colonial, Helene retornou à Namíbia, em 1908, retomando a vida de fazendeira. Permaneceu na colônia alemã até 1928, quando viajou novamente para a Alemanha. Helene von Falkenhausen faleceu em 1945, na Alemanha. Durante todo o período em que esteve na colônia alemã do sudoeste africano, teve uma forte atuação na educação de alemães e seus filhos na colônia. Helene tornou-se a primeira diretora da escola colonial para mulheres de Witzenhausen, ainda em 1908. Também foi primeira professora da *Regierungsschule* (escolas governamentais) de Windhoek⁵⁰.

Ainda sobre a atuação de Helene von Falkenhausen nas colônias, o jornal *Deutsch-Sudwestafrikanische Zeitung* publicou, em junho de 1909, uma notícia informando que a “senhora Falkenhausen” iria assumir a gestão de uma “*Lehrfarm*” (fazenda de ensino) para meninas em Windhoek, na colônia do Sudoeste Africano. Em notícia, o jornal escreveu que esta escola seria uma etapa importante para “difundir cultura alemã através da mulher alemã”⁵¹.

Diferentemente de Helene, Hertha Brodersen viajou para o continente africano somente adulta e sem a companhia da família.

⁴⁷ Sobre o genocídio Herero e a Guerra Colonial ver: CORREA, Sílvio M. de S. **História, memória e comemorações**: em torno do genocídio e do passado colonial no sudoeste africano. São Paulo, v. 31, nº 61, p. 85-103 - 2011.

⁴⁸ “Colonos -Destinos: 11 anos no Sudoeste Africano alemão: 1893-1904. Sudoeste Africano alemão: Guerra e Imagens de Paz.

⁴⁹ **Deutsch-Sudwestafrikanische Zeitung**, 24 maio 1905, p. 07

⁵⁰ CORREA, Sílvio M. de S. Fronteiras da educação na África sob domínio colonial alemão. **Revista História da Educação** – RHE, v. 16, n. 37 (2012). Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵¹ “Verbreitung deutscher Kultur durch die deutsche Frau”. **Deutsch-Sudwestafrikanische Zeitung**, 19 junho 1909, p. 02.

Hertha nasceu em Hamburgo em 1891, e aos 22 anos ela embarcou para Lüderitzbucht, na Namíbia, para trabalhar como secretária de um advogado alemão. Uma nota do jornal local de 11 de março de 1914 informa de seu desembarque no porto de Lüderitzbucht com mais dezenas de passageiros⁵². Todavia, após alguns meses inicia a Guerra na Europa, e as colônias logo são comprometidas. As colônias alemãs são ocupadas por tropas inglesas em setembro de 1914.

Assim, juntamente com centenas de mulheres e crianças alemãs, Hertha foi deportada para a África do Sul. Durante meses, a jovem alemã ficou em campos de “refugiados”, onde também estavam diversas mulheres alemãs deportadas. Hertha retornou ao sudoeste africano somente em julho de 1915. Casou-se com Edmund Manns, um ex-soldado alemão. Junto com o marido viveu em Windhoek por alguns anos. Neste período, Hertha trabalhou como secretária em uma sociedade de mineração e, depois, num banco agrícola do sudoeste africano.

No jornal *Swakopmunder Zeitung* de 24 de agosto de 1921, foi publicado a lista de alguns passageiros que retornaram para a Alemanha⁵³. Segundo esta nota, Hertha Manns e seus dois filhos retornaram para a Alemanha, e por lá permaneceram por quase cinco anos. Em 1926 retornou para o sudoeste africano e, nos anos seguintes, deu a luz a mais duas crianças. Escreveu também contos e crônicas para o jornal local. Hertha foi enterrada no cemitério de Lüderitzbucht, em 1959.

Hertha Brodersen Manns também escreveu sobre sua experiência colonial. No livro intitulado de *Wie alles anders kam in Afrika* (Como tudo ocorreu diferente em África), Hertha escreveu suas memórias sobre os preparativos para a sua partida da Alemanha, no início de 1914, até o seu retorno do exílio na África do Sul, em 1915. Escreveu ainda como foi a viagem no navio *Armada Castle* até a África do Sul, consta em suas memórias que a situação do navio era precária, assim como as condições das cabines, dos lavabos e dos toaletes. Também as refeições descritas como raras e pouco apetitosas⁵⁴.

Nas últimas páginas de seu livro, Hertha escreveu uma tabela com o nome das mulheres que conheceu no campo de Pietermaritzburg. Nesta tabela constam informações sobre o sobrenome, se eram mulheres

⁵² *Swakopmunder Zeitung*, 11 março de 1914, p. 11.

⁵³ *Swakopmunder Zeitung*, 24 de agosto de 1921.

⁵⁴ BRODERSEN-MANNS, H. **Wie alles anders kam in Afrika**. Südwestener Erinnerungen aus den Jahren 1914/1915, 1991 .

casadas ou solteiras (*Frau* e *Fräulein*), a quantidade e o nome dos filhos. Segundo as anotações de Hertha, havia 277 mulheres no campo de Pietermaritzburg, entre elas 189 senhoras (*Frau*), 85 senhoritas (*Fräulein*) e 3 freiras (*Schwester*). Também 203 crianças (*Kinder*). Hertha também escreveu em seu livro sobre as distâncias sociais entre as alemãs, sobre ter de compartilhar um espaço com prostitutas do campo de diamantes de Lüderitzbucht e também com mulheres da elite da colônia.

Estas duas experiências coloniais, de Helene e Hertha, auxiliam numa aproximação da sociedade colonial alemã em África e do envolvimento das mulheres alemãs no projeto colonial. No entanto, cabe ressaltar que o uso do termo experiência merece atenção. Assim como Joan Scott, acreditamos que a experiência não pode servir ao historiador como uma “evidência autorizada”, pois ela deve ser historicizada⁵⁵. Refletimos a experiência como um ponto de partida para questionamentos, para a produção de conhecimento histórico. Dessa forma, as experiências coloniais de Helene e Hertha não fundamentam o nosso conhecimento sobre o colonialismo alemão ou sobre a sociedade da qual pertencem.

Neste sentido, ao analisar as experiências coloniais de Helene von Falkenhausen e Hertha Brodersen Manns evitamos “naturalizar a experiência”, pois acreditamos que esta é sempre contestável. Assim, também interessa-nos refletir estas duas mulheres como sujeitos históricos, indivíduos que, como tal, estão inseridas dentro de uma sociedade, numa realidade social. Desta maneira, concordamos com Joan Scott sobre a constituição dos sujeitos, ao afirmar que

Sujeitos são constituídos discursivamente, mas existem conflitos entre sistemas discursivos, contradições dentro de cada um deles, múltiplos sentidos possíveis para os conceitos que usam. E sujeitos têm agenciamento. Eles não são indivíduos unificados, autônomos, que exercem o livre arbítrio, mas, ao contrário, são sujeitos cujo agenciamento é criado através de situações e posições que lhes são conferidas.⁵⁶

As experiências de Hertha e Helene possibilitam refletir sobre a

⁵⁵ SCOTT, Joana. “Experiência”. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira et alii. **Falás de Gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 27.

⁵⁶ SCOTT, Joana. “Experiência”. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira et alii. **Falás de Gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 42.

divulgação da propaganda colonial pangermanista na Alemanha, bem como as atribuições dadas às mulheres alemãs neste contexto colonial. Ao retomar a nota do jornal *Deutsch-Sudwestafrikanische Zeitung*, sobre a atuação de Helene na “*Lehrfarm*”, pode-se inferir como a transmissão de uma “cultura alemã” foi conferida às mulheres alemãs dentro deste contexto colonial. No entanto, não foram somente os colonos e os jornais da colônia do Sudoeste Africano que atribuíram esta responsabilidade às alemãs. Instituições e associações também atuaram neste sentido, entre elas, destacamos neste trabalho, a Liga Feminina da Sociedade de Colonização Alemã (*Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft*).

3.2 A LIGA FEMININA DA SOCIEDADE DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ

Em 1887, conforme discutido no capítulo anterior, as associações *Kolonialverein* (Associação Colonial) e *Gesellschaft für deutsche Kolonisation* (Sociedade para a Colonização alemã) uniram-se fundando a *Deutsche Kolonialgesellschaft* (Sociedade Colonial Alemã), que teve atuação importante na imigração destes alemães e também se empenhou para a construção de uma sociedade colonial “branca” e germânica em África. Para tanto, em 1908, criou a *Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft* (Liga Feminina da Sociedade de Colonização Alemã).

Com sede em Berlim, a *Frauenbund* atuava em diferentes regiões do Império Alemão. Cabe ressaltar, que esta não foi a primeira associação engajada com o envolvimento das mulheres no colonialismo alemão. Em 1886, a “*Deutschnationale Frauenbund*”, foi fundada por Martha e Eva Pfeil, também com participação de Frieda Freiin von Bülow. Entretanto, apenas dois anos depois da sua fundação, a organização se dissociou. Martha e Eva Pfeil fundaram, ainda no mesmo ano, a “*Deutschen Frauenverein für Krankenpflege in den Kolonien*” (Associação de Mulheres Alemãs para Enfermagem nas Colônias). Durante os anos de 1887 e 1907, esta última juntamente com a “*Deutschen Frauenverein zur Pflege und Hilfe für Verwundeteim Kriege*” (Associação de Mulheres Alemãs para cuidado e ajuda dos feridos em guerra), assumiu a assistência médica nas colônias.

Longe de qualquer pretensão de analisar as diversas atuações de mulheres no colonialismo alemão, cabe a, este estudo, reconhecer esta diversidade da participação de mulheres, e propor uma breve análise desta Liga Feminina e seu envolvimento no projeto colonial alemão.

Para tanto, faz-se necessário analisar quem eram seus membros.

No relatório sobre os dez anos da *Frauenbund*, publicado em 1918, foi publicado nas primeiras páginas uma breve retrospectiva sobre a criação da Liga, na qual esta afirma que no seu segundo ano, em 1909, eram contabilizados mais de quatro mil membros⁵⁷. Em 1914, este número era estimado em cerca de 18.500 associados⁵⁸. A baronesa Adda von Liliencron (1844-1912), filha do general Barão Karl von Wrangel, ainda que nunca tivesse viajado ao continente africano foi a primeira presidente da Liga Feminina, entre os anos de 1908 e 1910. Assim como Adda Von Liliencron, é provável que outras mulheres tenham se engajado a participar da Liga Feminina sem nunca ter viajado às colônias alemãs em África.

O envolvimento poderia se dar também devido a participação de familiares no projeto colonial. Para ficar num exemplo, no livro de endereços da cidade de Luderitz, no Sudoeste Africano, datado de 1914, consta que, entre os membros da diretoria da *Frauenbund*, estava a senhora Kreplin, então mulher do prefeito da cidade⁵⁹.

Entre os objetivos da *Frauenbund*, apontados por Golf Dornseif, destaca-se o incentivo, por meio de ações e conselhos, à migração de alemãs que tivessem interesse de se estabelecer nas colônias⁶⁰. Vale ressaltar que havia uma escassez de mulheres brancas nas colônias alemãs da África. Para ficar em alguns números, no ano de 1908, somente na colônia do Sudoeste Africano, a população branca masculina era superior a 70%, visto que, entre os 13.789 moradores, 10.613 eram homens e 3.176 eram mulheres.

Entre as ações de incentivos a migração e mulheres, destaca-se a divulgação das colônias alemãs por meio da criação, ainda em 1908, de sua revista a *Kolonie und Heimat im Wort und Bild* (Colônia e Pátria em Palavras e Imagens). Nesta revista eram publicados quinzenalmente, textos sobre as colônias alemãs tanto na África, como também no

⁵⁷ **10 Jahre Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft.** Kolonie und Hemait Verlagsgesellschaft: Berlim, 1918.p. 08.

⁵⁸ TODZI, Kim Sebastian. **Rassifizierte Weiblichkeit.** Der Frauenbund der deutschen Kolonialgesellschaft zwischen weiblicher Emanzipation und rassistischer Unterdrückung, Universität Hamburg, 2008, p. 7.

⁵⁹ **Adressbuch für Stadt und Bezirk Luderitzbucht** (1914).Luderitzbucht: R. Geschke. p. 11

⁶⁰ DORNSEIF, Golf. **Wachstum und Endzeit des Deutschkolonialen Frauenbundes.** Disponível em: < <http://www.golf-dornseif.de>> p. 01 Acesso em: 27 set. 2013.

Pacífico e outros pequenos protetorados. Há ainda um artigo sobre a vida dos colonos alemães em Blumenau.

Para estimular a migração de mulheres às colônias, na *Kolonie und Heimat* eram divulgadas palestras, cartas de colonas alemãs e textos sobre a vida nas colônias. Nas últimas páginas da revista, encontram-se anúncios, entre eles alguns de mulheres alemãs. Oferecia-se uma série de trabalhos femininos, como governanta, professora, cuidadora de crianças, secretárias. Também ofertas de casamento podiam ser publicadas:

Casamento: Homem robusto, voluntário do governo, 21 anos, o qual acabou de servir como voluntário por um ano e quer emigrar para o sudoeste africano, procura conhecer uma moça de 21 anos que seja capaz e esteja disposta a ser sua companheira para a vida inteira. Caso lhe interesse, remeta confiante uma carta detalhada, se possível com foto, a qual será devolvida para o posto principal de Duisburg (Baixo Reno)“F.W.I Südwest”⁶¹.

A *Kolonie und Heimat* poderia ser adquirida por meio de assinatura e também era vendida nos navios que faziam as linhas para as colônias. Durante os anos de 1909 e 1911, a revista custava o preço de 10 *Pfennig* (centavos) e contava com aproximadamente de 16 a 20 páginas. Entre 1908 e 1914 a revista era publicada em Berlim, após a primeira guerra mundial a redação mudou-se a Stuttgart.

A Revista *Kolonie und Heimat* apesar de ser publicada pela Liga Feminina, não era escrita somente por mulheres e para mulheres. Seus artigos buscavam apresentar o Império colonial alemão, de forma atrativa e aproximar o leitor da vida colonial alemã. Para tanto, muitos de seus artigos tinham como temas os aparelhos urbanos construídos nas colônias (casas, hotéis, hospitais, escolas, bancos), os recursos naturais explorados e as fazendas e plantações instituídas no ultramar. Com títulos como “*Wie der Neger in Togo wohnt*”⁶², “*Die Bewohnervon Ruanda*”⁶³, os artigos da revista *Kolonie und Heimat* abordavam o modo de vida dos nativos, muitas vezes comparando com o modo de vida dos

⁶¹ Heirat. **Kolonie und Heimat in Wort und Bild.**, 1911, p.15

⁶² Como vive o negro no Togo. **Kolonie und Heimat in Wort und Bild**, Ano 3, Nr. 2, 1909, p.06.

⁶³ O povo de Ruanda. **Kolonie und Heimat in Wort und Bild**, Ano 3, Nr. 3, 1909, p.03 .

colonos alemães. Havia artigos destinados as questões econômicas como “*Viehwirtschaft und Ansiedlung in Südwest*”⁶⁴, e sobre a vida dos alemães na África “*Eine Reise durch die Deutsche Kolonien*”⁶⁵.

A seção intitulada “*Mitteilungendes Frauenbundes der Deutschen Kolonialgesellschaft*” era destinada a publicações de avisos da *Frauenbund*, sobre as doações recebidas, eventos realizados, textos de membros da associação. No exemplar da revista publicado em primeiro de outubro de 1909, há na seção *Mitteilungen* a palestra intitulada “*Die Frau in den Kolonien*”⁶⁶, proferida pela Condessa Pauline Montgelas. Em seu texto, Pauline Montgelas comenta sobre o papel da “mulher alemã” em suas colônias, suas funções e responsabilidades. Também como deve ser a postura desta “mulher alemã” diante dos problemas coloniais que por ventura possam surgir, e as relações com os nativos.

É importante destacar que, sendo a Revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild* um produto da Liga Feminina, ela compartilhava certos ideais pangermanistas da mesma e da Sociedade de Colonização Alemã. Nestes ideais, a miscigenação dos colonos, era um dos problemas a ser combatidos, para construção de uma sociedade “branca” e germânica no continente africano. O que é possível identificar no texto de Pauline Montgelas, e também em outros trechos citados da Revista *Kolonie und Heimat*, é a projeção de um ideal de “mulher” (alemã), que deveria ser portadora da cultura, responsável pela sua transmissão e manutenção.

Assim como Kim Todzi, acreditamos que a euforia colonial não foi assunto exclusivo de homens⁶⁷. O colonialismo alemão também mobilizou mulheres, e foi mobilizado por elas. As experiências de Helene Falkenhausen e Hertha Brodersen, bem como a fundação de uma Liga Feminina pela Sociedade de Colonização Alemã possibilitam questionar esta “exclusividade” conferida aos homens sobre o colonialismo. Também a revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild*,

⁶⁴ Agropecuária e Povoado no Sudoeste **Kolonie und Heimat in Wort und Bild**. Ano 3, Nr. 3, 1909, p.03.

⁶⁵ Uma viagem pela colônias alemãs. **Kolonie und Heimat in Wort und Bild**. Ano 3, Nr. 5, 1909, p.02.

⁶⁶ A mulher nas colônias. **Kolonie und Heimat in Wort und Bild**. Ano 3, Nr. 1, 1909, p.08.

⁶⁷ TODZI, Kim Sebastian. **Rassifizierte Weiblichkeit**. Der “Frauenbund der deutschen Kolonialgesellschaft” zwischen weiblicher Emanzipation und rassistischer Unterdrückung, Universität Hamburg, 2008.

por meio de palavras e imagens, como seu próprio título sugere, instigamos a refletir sobre as atuações de mulheres em contexto colonial.

4. OS TRABALHOS FEMININOS EM FOTOGRAFIAS COLONIAIS

Em 1908, foi publicado o primeiro exemplar da revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild*⁶⁸, de autoria da Liga Feminina da Sociedade de Colonização Alemã. No título desta revista as palavras “*Kolonie*” e “*Heimat*” atentam para características e interesses do II Império Alemão. Conforme já discutido, o termo *Heimat*, bem como *Deutschtum*, na língua e cultura alemã, especialmente entre o século XIX e XX, deram suporte na criação de um sentimento e identidade nacionalista.

Como vimos, na Revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild* havia artigos sobre diferentes temas que envolviam o império colonial do II Reich. Contudo, no título desta revista ainda outro termo que atenta para uma de suas características: *Bild* (imagem). Num levantamento prévio, pode-se contabilizar mais de 500 fotografias, que abordam as colônias africanas, nos 74 exemplares publicados entre os anos de 1909 e 1911⁶⁹.

Compartilhamos com Boris Kossoy quando este afirma que a fotografia foi um “novo meio de conhecimento do mundo”⁷⁰. Esse novo meio produziu um novo testemunho, neste caso um novo testemunho do colonialismo alemão. Sabemos que este testemunho passou por um processo de produção, e parte de um “filtro cultural”. As fotografias não podem ser tomadas como puras evidências do passado. Pois, “toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho”⁷¹.

E é neste sentido, que este capítulo tem por escopo discutir as representações dos trabalhos femininos nas fotografias da revista *Kolonie und Heimat*. Percebendo estas fotografias como criadoras de testemunhos, como expressão de um ponto de vista, e abarcadas de filtros culturais.

⁶⁸ Colônia e Pátria em Imagem e Palavra.

⁶⁹ Foram comprados cinco CDs com 74 exemplares do periódico *Kolonie und Heimat* do Deutsches Historisches Tonarchiv, estes CDs estão disponíveis no Laboratório de estudos de História da África (LEHAf – UFSC)

⁷⁰ KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4ª edição. São Paulo: Ateliê editorial, 2012, p. 27.

⁷¹ Idem, 2012, p 52.

4.1 “DIE KOLONIE⁷²” EM FOTOGRAFIAS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Conforme Robert Thornton, a partir de meados do século XIX, houve na Europa um crescimento na produção e circulação de informações sobre o continente africano⁷³. Como sabemos, este período foi concomitante a inserção imperial dos países europeus na África. As informações obtidas através de relatos de viagens, romances, publicações textuais de missionários possibilitavam à sociedade europeia uma aproximação daquele continente, todavia, pela escrita.

Também a prática fotográfica havia passado por transformações desde a invenção do daguerreótipo, em 1839. Entre as modificações técnicas, e inovações nos recursos fotográficos, Ana Maria Mauad destacou:

1) a gradual substituição do papel aluminado, para cópias, por novos e mais sensíveis papéis e gelatina com base de cloreto de prata e brometo de prata –mais sensíveis que os anteriores –; 2) a aplicação de celulóide como nova base para os filmes; 3) o surgimento das primeiras câmeras portáteis.⁷⁴

Estes aprimoramentos técnicos possibilitaram que, em 1888, a Kodak lançasse sua primeira câmera portátil. Esta companhia teve importante atuação no mercado fotográfico, pois grande parte de seu investimento era destinado à produção de máquinas de fácil uso e baixo custo. Devido a sua simplicidade, as câmeras portáteis da Kodak, permitiam ao seu consumidor introduzir-se numa tecnologia considerada até então, pouco acessível.

As câmeras portáteis da Kodak fizeram-se presentes na seção destinada aos anúncios da revista *Kolonie und Heimat*. Conforme as imagens abaixo:

⁷² A colônia.

⁷³ THORNTON, Robert. **Narrative ethnography in Africa, 1850-1920: the creation and capture of an appropriate domain for anthropology**. Man. Irlanda: New Series, Vol. 18, n.º. 3, 502-520, 1983.

⁷⁴ MAUAD, Ana Maria. **Sob o Signo da Imagem**. A produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. 1990. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, p. 85.



Ein
KODAK
als Begleiter **auf der Reise**
sorgt für Genuß in ruhigen Stunden zuhause!

Ein **KODAK** macht die Dunkelkammer überflüssig.
Kodak-Film ist bei Tageslicht zu laden und zu entwickeln.

KODAK-Photographie ist einfach und leicht!

Kodak-Artikel sind bei allen photogr. Händlern | Kodak-Katalog No. 30 auf
erhältlich. Man achte auf die Marke "Kodak". | Verlangen gratis und franks.
303

KODAK Ges. m. b. H.
Kodak Ltd., St. Petersburg. | WIEN, Graben 29. BERLIN, Markgrafstr. 92/93.
19, Bolshaja Konjuchennaja.

*Dies ist das
Material
für 12
Bilder.*

**Man gehe
sicher
in bezug
auf das
Material!**

KODAK-Film
hat sich seit 25 Jahren
bewährt.

KODAK-Film
trägt das Wort **KODAK**
am Spulende.

Jeder photogr. Händler führt Kodak-Film.
*Kodak-Katalog Nr. 30 gratis u. franks
auf Verlangen.*

KODAK Limited,
ST. PETERSBURG,
19, Bolshaja Konjuchennaja.

KODAK Ges. m. b. H.
WIEN,
Graben 29. BERLIN,
Markgrafstr. 92/93.

Estes anúncios permitem entrever a popularização da máquina fotográfica neste período. Além disso, o fato de a companhia buscar as páginas da revista para divulgação de seu produto, sugere que o seu público leitor era um potencial consumidor. Aliás, não seria absurdo pensar que o leitor de uma revista ilustrada desejasse ser também um produtor de imagens. Os textos dos anúncios dialogam com esta ideia ao publicar que *“Photographie ist einfach und leicht”*⁷⁵.

Assim, as fotografias tentaram familiarizar esse público leitor com o continente africano. Este, antes visualizado apenas por meio de relatos de viajantes, agora tornou-se público pelas imagens fotográficas, que potencializam o desejo de sair da passividade da leitura e do cotidiano. Conforme explicita Edgar Decca,

Nas grandes cidades, a imprensa diária já alcançava um grande público leitor ávido por novidades e podemos imaginar quão empolgantes não teriam sido os relatos de aventuras em terras longínquas em contraste com a monótona rotina da vida cotidiana. Os navios não eram apenas fantasiados como o elemento difusor da cultura e da civilização europeia pelo mundo. Já nessa época uma indústria florescente abria novas possibilidades de lazer para as classes abastadas

⁷⁵ “Fotografia é simples e fácil”.

das cidades. O turismo iria acompanhar de perto a expansão da política imperialista e o sonho do cidadão comum passava a ser, desde então, uma viagem repleta de surpresas e aventuras no navio⁷⁶.

Os anúncios da Kodak, na revista *Kolonie und Heimat*, também dialogam com os incentivos ao turismo. Conforme anúncio acima sugere a “*ein Kodak als Begleiter auf der Reise*”⁷⁷.

As tecnologias disponíveis no final do XIX fizeram com que o modo de fotografar também sofresse alterações. Walter Benjamin ressaltou como a exclusão do homem das fotografias desencadeou a perda de sua “aura”. Isto ocorreu quando o valor de culto foi superado pelo valor de exposição, e a fotografia deixou de ter como tema central os retratos e voltou-se para novos registros. Entre eles, os registros panorâmicos. Compartilhamos com Benjamin a concepção de que as fotografias orientam a recepção, o expectador, e uma contemplação livre não lhe cabe. Dessa forma, quando surgem as revistas ilustradas, são acrescentadas legendas às fotografias. E são estas legendas que condicionam o expectador a percorrer o caminho de informações que compõe suas fotografias.

Nas fotografias que compõe a revista *Kolonie und Heimat*, as legendas fazem-se presentes. No entanto, não em sua totalidade. Em diferentes exemplares, nota-se uma fotografia ao centro da página onde o conteúdo do texto do artigo que a cerca, pouco dialoga com suas informações. Em nossa perspectiva, além do caráter ilustrado da revista, reafirmado em seu título, notamos o quanto por meio de sua estrutura as fotografias são inseridas como informações, donas de um próprio conteúdo.

Nesse sentido, as fotografias desta revista dialogam com os ideais pangermanistas da associação a qual pertence, a Liga Feminina da Sociedade de Colonização Alemã, na qual o trabalho se constitui como importante meio para a “civilização”.

⁷⁶ DECCA, Edgar S. O Colonialismo como a glória do Imperio. In: Daniel Aarão R. Filho; Jorge Ferreira; Celeste Zenha. (Org.). **O Século XX**. Rio de Janeiro: Editora da Civilização Brasileira, 2000, p. 171.

⁷⁷ “Uma Kodak como acompanhante de viagem”

4.2 AS REPRESENTAÇÕES DOS TRABALHOS FEMININOS NAS FOTOGRAFIAS DA *KOLONIE UND HEIMAT*

Segundo Michelle Perrot foi a partir da década de 70 que “nasceu o desejo de um outro relato, de uma outra história”⁷⁸. Este desejo foi motivado por fatores científicos (a Nova História dos Annales que amplia e modifica os objetos, bem como a crise com marxismo e estruturalismo, a proeminência da subjetividade), sociológicos (a inserção das mulheres nas universidades, especialmente após a Segunda Guerra), e políticos (movimento de libertação das mulheres, motivado e embasado especialmente pelo livro de Simone de Beauvoir). A “outra história”, também necessitava de uma mudança epistemológica, na qual a presença das mulheres, seus vestígios fossem conhecidos.

Ao se preocupar com a presença das mulheres no discurso letrado (popular, romanesco ou poético) e nas imagens, Perrot afirma que elas são descritas, representadas. A relação das mulheres com essas imagens e representações merece reflexões. Conforme a autora,

podemos nos perguntar sobre a maneira pela qual as mulheres viam e viviam suas imagens, se as aceitavam ou recusavam, se se aproveitavam delas ou as amaldiçoavam, se as subvertiam ou se eram submissas⁷⁹.

Embora, Michelle Perrot reconheça que as mulheres estabelecem diferentes relações com suas representações, da negação à apropriação, cabe ainda uma atenção às mulheres como produtoras de suas representações. Para isso, este trabalho ancora-se na perspectiva de Roger Chartier, refletindo as representações inseridas num campo de concorrência e poder. Segundo o autor,

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto

⁷⁸ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013, p.20

⁷⁹ Idem, 2013, p. 29.

reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas⁸⁰.

Assim os indivíduos, e no caso específico deste estudo as mulheres, são também produtores de representação e impõem suas percepções de mundo social. Desse modo, acompanhando as reflexões de Chartier, entendemos que

a investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas em um campo de concorrências e de competições, cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio⁸¹.

Para este estudo, o conceito de representação faz-se necessário ao problematizar as fotografias que abordam o trabalho de mulheres nas colônias alemãs da África. Partindo da ideia de que homens e mulheres experimentaram de modos diferentes o imperialismo, concordamos com Anne McClintock quando afirma que

o imperialismo europeu foi, desde o começo, um encontro violento com hierarquias preexistentes de poder que tomou forma não como um desdobramento de seu próprio destino, mas como interferência oportunista e desordenada com outros regimes de poder⁸².

Assim, esses poderes, fizeram-se presentes no imperialismo. Diferentes grupos atuaram em diferentes posições, dentro dos impérios coloniais. Mas, não basta olhar a participação das mulheres, ou como elas experimentaram o colonialismo. Sabemos que ao estudar mulheres isoladamente, corremos o perigo de criar uma esfera onde a sua

⁸⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p 17.

⁸¹ Idem, 1999, p. 17.

⁸² MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. São Paulo: Unicamp, 2010, p. 21.

experiência foi indiferente para o outro sexo⁸³. Faz-se necessário problematizar as relações de poder, onde a categoria gênero se torna um elemento importante de análise.

Ao problematizar as relações de poder, como “constelações dispersas de relações desiguais”, dialogamos com Joan Scott para o uso da categoria gênero neste trabalho. Este estudo se aproxima da ideia de que a categoria gênero pode ser utilizada como um “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”⁸⁴.

Compreendemos que a Liga Feminina, por meio de sua revista, também tentou impor seus valores e, por conseguinte suas implicações sobre cultura, ao gestar representações sobre quem são as “mulheres alemãs” nas colônias e as “africanas”. Nas análises das fotografias, consideramos que a categoria gênero se faz importante para refletir sobre a questão da sexualidade, do feminino, e também para refletir sobre a questão da subordinação do trabalho.

A Liga Feminina, conforme discutido no capítulo anterior, lidava com mulheres alemãs de diferentes segmentos sociais. Se havia mulheres da burguesia e mesmo da nobreza entre as dirigentes e sócias beneméritas da Liga, como a baronesa Adda von Liliencron, as que eram enviadas para a África tinham, geralmente, origem pequeno-burguesa, operária ou camponesa. Neste trabalho, acreditamos que as fotografias coloniais, entre elas as que compõe a revista *Kolonie und Heimat*, incorporam muitas dessas contradições do colonialismo.

Tomamos por exemplo a fotografia (1) abaixo, publicada na revista *Kolonie und Heimat* em 1911. Num primeiro plano podemos ver nove mulheres em frente a uma estrutura física, semelhante a uma casa. Atrás delas, está um varal, onde as roupas e lençóis brancos estão estendidos. Algumas destas roupas estão também nas mãos das mulheres que compõe a fotografia.

⁸³ SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.” **Educação e Realidade**. 20(2), jul-dez, 1995, p.14

⁸⁴ Idem, p. 18.



Imagem 1⁸⁵

A legenda da imagem 1 informa “Keetmanshoop: Alunas da ‘Casa da *Heimat*’ ao estender as roupas⁸⁶”. Keetmanshoop, atualmente pertence à Namíbia, antes colônia do Sudoeste Africano. Um dos modos de se fazer presente nas colônias foi a construção, por parte da Liga Feminina, das *Heimatshouses*. Ao chegar em solo africano, as mulheres alemãs enviadas por meio da Liga passavam por uma “formação” e ficavam estabelecidas nestas “casas da *Heimat*”. Ali, elas aprendiam como o *Deutschtum* deveria ser mantido nas colônias. Em nota no jornal *Swakopmunder Zeitung*, informou que 48 jovens haviam sido levadas para a *Heimathaus* de Keetmanshoop no ano de 1912⁸⁷. Aprendiam qual o padrão alemão que deveria ser cultivado. O modo alemão de manter a limpeza, a civilização, a *Kultur*.

A *Heimathaus* também aparece em outra fotografia publicada na *Kolonie und Heimat*.

⁸⁵ *Kolonie und Heimat*. Ano 4, N. 25.1911p.08

⁸⁶ *Keetmanshoop: Schülerinnen des Heimatshauses beim Wäscheaufhängen*

⁸⁷ *Swakopmunder Zeitung*, 12 de julho de 1913, p.01.



Imagem 2⁸⁸

Nesta segunda fotografia, podemos ler na legenda “Vista do espaço de trabalho da Heimathauses”⁸⁹. Dos elementos que compõe a Imagem 2, estão seis mulheres, algumas com aventais, cabelos presos e roupas longas. Podemos ver ainda os objetos usados no seus trabalhos: o ferro na mão da primeira mulher à esquerda, as cestas, a mesa onde estão colocadas as roupas dobradas, bem como há roupas nas mãos de todas as mulheres que compõe a fotografia 2.

Ainda que, conforme discutido, neste momento as câmeras fotográficas permitissem um registro ou captura de imagem mais rápida, os elementos da foto sugerem que estas fotos foram posadas. O modo como estão colocados os objetos nas duas fotografias (Imagem 1 e 2), para que fossem vistos próximos às mulheres, bem como as posições das mulheres, eretas e dirigidas à câmera, ocupando lugares que permitissem que fossem vistas claramente nas fotografias.

Nota-se que em ambas as fotografias há uma intenção de mostrar os “modos de fazer” os trabalhos domésticos nas colônias. O que nos faz refletir isto é a situação em que estas mulheres sem encontram, segurando os instrumentos de trabalho, como se estivessem executando a ação.

A Revista não fornece informações sobre o (ou a) fotógrafo (a). Contudo isto não invalida a possibilidade de montagem da fotografia.

88 *Kolonie und Heimat*. Ano 4. N 29. 1911 p.08

89 *Blick in den Arbeitsraum des Heimathauses*.

Sua (oni)presença é clara. Ele também é testemunha do momento, mas uma testemunha ausente.

Outro elemento importante nas fotografias são os lençóis e as roupas brancas. Em ambas, os lençóis se encontram seja próximo ou nas mãos das mulheres. O branco, como sinônimo de limpeza foi um elemento para a construção da identidade alemã nas colônias. Concordamos com Nancy Reagin, ao perceber a limpeza e a ordem como elementos que constituem uma “auto percepção” e construção de sua identidade.⁹⁰ Sabemos que o culto à limpeza também esteve presentes na construção de outras identidades, como para os franceses, ingleses. Mas, como pondera Reagin, o desenvolvimento da “limpeza”, agregado com qualidades como ordem, economia e gestão do tempo, associadas à domesticidade, se fez de modo mais intenso e de porcentagem mais elevada que de outros países⁹¹.

Ao discutir a domesticidade, Anne McClitock argumenta que esta

denota tanto um espaço (um alinhamento geográfico quanto arquitetônico) quanto uma relação social do poder. O culto da domesticidade, longe de ser um fato universal da “natureza” tem uma genealogia histórica. A ideia de doméstico não pode ser aplicada de maneira geral a qualquer casa ou domicílio como fato universal ou natural⁹².

Deste modo, a casa embora seja entendida como um espaço “universal e natural”, não podemos utilizar o conceito de doméstico de maneira tão abrangente. A domesticidade envolve mudança social e também sujeição política. Sobre a etimologia do termo, a historiadora americana atenta que

Etimologicamente, o verbo “domesticar” tem a mesma raiz de “dominar”, que deriva de dominus, senhor do domus, o lar. Até 1964, porém, o verbo

⁹⁰ REAGIN, Nancy R.. **Sweeping the German Nation**: Domesticity and National Identity in Germany, 1870–1945. New York: Cambridge University Press, 2007.

⁹¹ Idem, p. 04 -06.

⁹² McCLINTOCK, Anne. Op.cit. p. 63.

domesticar carregava como um dos seus significados a ação de “civilizar”⁹³.

Nas colônias esta ideia de domesticidade, vinculada ao gênero, foi utilizada para ter sob controle um povo colonizado. Por meio de práticas e rituais de domesticidade, as pessoas colonizadas eram “retiradas” da selvageria, considerada natural, e “eram induzidas através da narrativa do progresso, a uma relação hierárquica para com homens brancos”.

Conforme colocamos, as fotografias afloram as ambivalências e contradições do colonialismo. Na imagem 3 isso também pode ser problematizado.

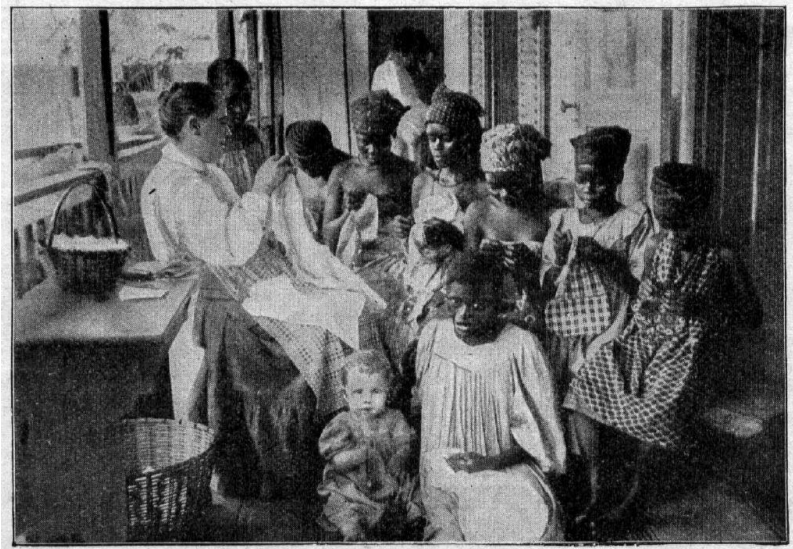


Imagem 3⁹⁴

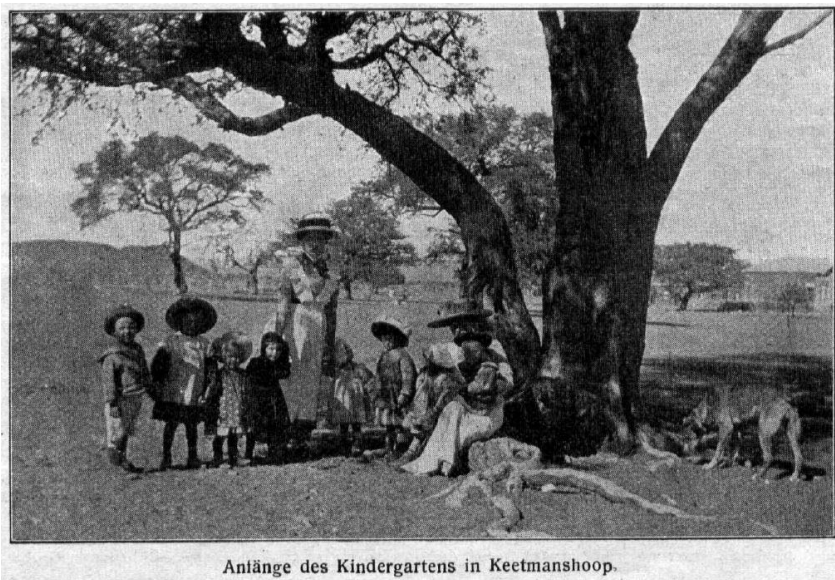
Aqui percebemos uma mulher alemã ensinando outras sete meninas “nativas” a bordar. Cabe ressaltar que utilizo o termo “nativos”, pois a revista *Kolonie* utiliza este termo (Eingeboren) para fazer referência aos africanos. À frente estão um bebe “branco” e ao seu lado uma jovem nativa. Dos sujeitos da foto, apenas as crianças sentadas a frente olham para o fotógrafo. Os demais demonstram estar atentos aos

⁹³ Idem, p. 64.

⁹⁴ **Kolonie und Heimat.** Ano4.N47.1911p.08

ensinamentos práticos que a mulher branca parece reproduzir. Nesta fotografia ela, mulher branca alemã, ensina as demais, mulheres nativas negras, o modo de fazer, a cultura.

Esta cultura era também reproduzida para os filhos de alemães e cabia ao trabalho feminino esta função. Como governantas, domésticas, cuidadoras ou professoras, as alemãs tinham como responsabilidade transmitir a *Kultur* para as outras gerações.



Anlänge des Kindergartens in Keetmanshoop.

Imagem 4⁹⁵.

Nesta fotografia, observamos oito crianças e duas professoras de um jardim de infância em Keetmanshoop. O branco nas roupas das professoras ganha destaque. Todos de chapéu, protegendo a pele branca do sol da colônia do Sudoeste Africano. Responsáveis pela transmissão e manutenção da *Kultur*, as professoras tinham papel relevante na incipiente sociedade colonial.

A ideia de civilização não é a mesma nas sociedades ocidentais. Para o conceito de *Kultur*, este trabalho se ancora em Norbert Elias, quando este afirma que

O conceito alemão de *Kultur* dá ênfase especial a diferenças nacionais e a identidade particular de

⁹⁵ *Kolonie und Heimat*. Ano4.N 46.1911p.08

grupos. Principalmente em virtude disto, o conceito adquiriu em campos como a pesquisa etnológica e antropológica uma significação muito além da área linguística alemã e da situação em que se originou o conceito. Mas esta situação é aquela de um povo que, de acordo com os padrões ocidentais, conseguiu apenas muito tarde a unificação política e a consolidação e de cujas fronteiras, durante séculos ou mesmo até o presente, territórios repetidamente se desprenderam ou ameaçaram se separar. Enquanto o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de *Kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: "Qual, e, realmente, nossa identidade?" A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico. As perguntas "o que é realmente francês? O que é realmente inglês?" há muito deixaram de ser assunto de discussão para franceses e ingleses. Durante séculos, porém, a questão "o que é realmente alemão?" reclamou sempre resposta. Uma resposta a esta pergunta - uma entre varias outras - reside em um aspecto peculiar do conceito de *Kultur*.⁹⁶

Sendo assim, *Kultur* para os alemães é diferente do conceito de *Civilization* para franceses e ingleses. Enquanto que para o primeiro a consciência de nação vai do político ao espiritual, para o segundo termo está associado ao orgulho de suas nações para com o progresso da humanidade e não a reflexões sobre seu modo de ser.

Por meio de seu trabalho, as "nativas" também tinham contato com essa *Kultur*. Abaixo, na imagem 5, observamos uma cuidadora de crianças (*Kindermädchen*) e um bebe. O carrinho, moderno, as vestes brancas da cuidadora e do bebe, tomam o primeiro plano da fotografia. A vestimenta da nativa, o vestido arredondado, com mangas estufadas,

⁹⁶ ELIAS, Norbert. Op.cit. p.25.

tem influência europeia, negando, de certa, maneira as mantas utilizadas pelos grupos “nativos”.

Cabe aqui uma ressalva, sabemos que para um estudo a seleção de objetos de análise é necessária, mas muitas das informações contidas nestas análises estão relacionadas com outras fotografias da revista *Kolonie* que não compõe este trabalho. Nas fotografias em que mulheres e crianças alemãs dividem espaço com nativos, estes estão sempre com roupas “europeizadas”, “civilizadas”. As nativas só aparecem trajadas com mantas, quando a figura da mulher alemã não se faz presente.



Imagem 5⁹⁷.

Do mesmo modo, as nativas fotografadas no espaço doméstico também estão trajadas com longos vestidos, semelhantes aos das alemãs. Conforme a fotografia 6.

⁹⁷ *Kolonie und Heimat*. Ano 4. N 36. 1911 p. 08



Imagem 6⁹⁸.

Dentro de uma cozinha, utilizando utensílios domésticos europeus, o relógio na parede, com as vestimentas claras e no padrão. Assim, as nativas são inseridas no âmbito doméstico dos alemães nas colônias. Sobre o trabalho feminino nas colônias, vale ressaltar ainda que cozinheiras e babás nativas faziam parte do cotidiano das mulheres brancas e tal presença reconfigurava as relações de poder no espaço doméstico.

O trabalho feminino nas colônias alemãs da África (re)produziu relações de dependência entre africanas e alemãs. Essas dependências ajudam a entender como as relações de poder são dispersas e desiguais. A análise das fotografias permite observar um conjunto de atividades femininas compartilhadas por mulheres adventícias e nativas. Alguns espaços do trabalho feminino eram compartilhados entre mulheres

⁹⁸ **Kolonie und Heimat.** Ano4.N25.1911p.08

alemãs e africanas, além de eventuais mulheres bôeres. Assim, por meio da análise destas imagens, nota-se que no discurso da Liga Feminina, e veiculado em sua revista, há uma projeção idealizada das mulheres alemãs. Em termos pedagógicos, houve um esforço da Liga Feminina em suprir as colônias de mulheres alemãs para se ocuparem da futura geração nos trópicos e garantir o processo de “germanização” das crianças e, ao mesmo tempo, reduzir a tendência à “cafrialização”. Entre outros fatores, a invenção e o culto da brancura e o habitus da domesticidade para as mulheres serviram de suporte ideológico ao projeto colonial da Alemanha do II Reich.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta as limitações relativas a um trabalho de conclusão de curso, propusemo-nos a compreender as representações do trabalho feminino em fotografias da revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild*. A partir dessa perspectiva selecionamos algumas fotografias que tivessem como eixo principal o trabalho feminino. Sabemos que dos 74 exemplares correspondentes aos nos de 1909 e 1911 da Revista, há cerca de 500 fotografias que abordam as colônias alemãs da África. Contudo, tendo em vista que toda pesquisa necessita de um recorte seria inviável, num trabalho de conclusão de curso, abordar tantas fotografias. Visto que o processo de seleção de fontes e do objeto de pesquisa também faz parte do trabalho, para melhor análise e problematização.

Contudo focar o olhar para no trabalho feminino nas colônias alemãs da África, permitiu que questões que permearam a construção desta sociedade colonial alemã pudessem ser vistas. Entre elas o culto à limpeza, a domesticidade, a valorização da *Kultur* pelos alemães e sua distinção do conceito de Civilization para franceses e ingleses. Também o papel atribuído às mulheres alemãs, como portadoras do “*Deutchtum*” e, usando o termo do historiador e Sílvio Correa, atuantes como “células ideológicas” de reprodução e manutenção do germanismo.

Entre as suas contribuições, acreditamos que este trabalho contribui ao propor a aproximação da categoria gênero para o estudo do colonialismo. Afinal, deve-se considerar que, no final do século XX, a historiografia sobre o colonialismo incorporou a questão de gênero, principalmente nos estudos em língua inglesa. Mas, sobre gênero e colonialismo em África ainda são poucas as contribuições em língua portuguesa. Os artigos de Valdemir Zamparoni e de Ângela M. A. Conceição, também a coletânea organizada por Inocência Mata e Laura Padilha são alguns exemplos de uma abordagem sobre o colonialismo na “África portuguesa” com ênfase nas relações de gênero.

Temos consciência que alguns questionamentos ficaram “em aberto”, que outros elementos poderiam ter sido problematizados. Contudo, acreditamos que a pesquisa nunca termina. Ela é sempre retomada, ampliada, revisada, revista. Pois, assim como as fotografias, o trabalho acadêmico também “pode reciclar-se, assumir vários papéis, ressemantizar-se, e produzir efeitos diversos”⁹⁹.

⁹⁹ MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. vol. 23, nº 45, julho de 2013, p. 19.

FONTES

Adressbuch für Stadt und Bezirk Lüderitzbucht (1914).Lüderitzbucht: R. Geschke. (Documento digital).

Kolonie und Heimat in Wort und Bild, 1909 -1911, Documento Digital. *Kolonie und Heimat* do Deutsches Historisches Tonarchiv

Swakopmunder Zeitung, 1901 1914, Base de dados African Newspapers, Universidade Federal de Santa Catarina.

Deutsch-Südwestafrikanische Zeitung, 1901-1907, Base de dados African Newspapers, Universidade Federal de Santa Catarina.

Luderitzbuchter Zeitung, 1909 – 1922, Base de dados African Newspapers, Universidade Federal de Santa Catarina.

BIBLIOGRAFIA

BREPOHL , Marion . **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo -1880-1945**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2010.

BREPOHL, Marionilde Dias Brepohl de. **Alemanha, mãe pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil**. Campinas, UNICAMP, 1993.

BRODERSEN-MANNNS, H. **Wie alles anders kam in Afrika**. Südwester Erinnerungen aus den Jahren 1914/1915, 1991

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORREA, Sílvio M. de S. Colonialismo, Germanismo e Sociedade de Ginástica no Sudoeste Africano. **Recordes: Revista de História do Esporte**.v. 5, n. 2, julho-dezembro de 2012.

CORREA, Sílvio M. de S. Fronteiras da educação na África sob domínio colonial alemão. **Revista História da Educação – RHE** , v. 16, n. 37 (2012). Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CORREA, Sílvio M. de S. **História, memória e comemorações**: em torno do genocídio e do passado colonial no sudoeste africano. São Paulo, v. 31, nº 61, p. 85-103 - 2011.

CORREA, Sílvio M. de S. Imigração e privatização dos recursos naturais na África durante o colonialismo alemão (1884-1914) in NODARI, Eunice S. (org.) **História Ambiental e Migrações**. São Leopoldo: OIKOS, 2012, p.15 – 34.

CORREA, Sílvio M. de S. **Migracion, Integracion y Capital Social**. 2002.

CORREA, Sílvio M. de S. **Notas sobre a paisagem humana na África do Sudoeste Alemão, 2012**. Texto cedido pelo autor.

CORREA, Sílvio M. de S. Sociabilidades numa pequena cidade portuária do sudoeste africano (1884-1914). **Revista Urbana** (Dossiê Cidades e Sociabilidades), Unicamp, v.4, n.5, 2012.

CUNHA, Jorge Luiz da. **Os Colonos alemães e a Fumicultura**: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul 1849-1881. Santa Cruz do Sul: Editora da FISC, 1991.

DECCA, Edgar S. O Colonialismo como a glória do Imperio. In: Daniel Aarão R. Filho; Jorge Ferreira; Celeste Zenha. (Org.). **O Século XX**. Rio de Janeiro: Editora da Civilização Brasileira, 2000.

DORNSEIF, Golf. **Wachstum und Endzeit des Deutschkolonialen Frauenbundes**. Disponível em: < <http://www.golf-dornseif.de> > p. 01
Acesso em: 27 set. 2013.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997.

FROTSCHER, Méri . Viajando para casa: reformulações da Heimat e de identidade na obra de Richard Katz (Dossiê Brasil/Alemanha: cultura e identidades). **Espaço Plural** (Unioeste), v. 9, 2008.

HOBSBAWM, E. J. 1917-. **A era do capital : 1848-1875**. 3. ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1982.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios**: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4ª edição. São Paulo: Ateliê editorial, 2012.

LORENZ, Stella. Processos de purificação: expectativas ligadas à migração alemã para o Brasil (1880-1918). **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 17, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o Signo da Imagem**. A produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. 1990. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. São Paulo: Unicamp, 2010.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. vol. 23, nº 45, julho de 2003.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

REAGIN, Nancy R.. **Sweeping the German Nation: Domesticity and National Identity in Germany, 1870–1945**. New York: Cambridge University Press, 2007.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.” **Educação e Realidade**. 20(2), jul-dez, 1995

SCOTT, Joana. “Experiência”. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira et alii. **Falas de Gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense da Cultura, 1981.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense da Cultura, 1981.

SMITH, Woodruff D. **The German Colonial Empire**. University of North Carolina Press, 1978.

THORNTON, Robert. **Narrative ethnography in Africa, 1850-1920: the creation and capture of an appropriate domain for anthropology.** Man. Irlanda: New Series, Vol. 18, n°. 3, 502-520, 1983.

TODZI, Kim Sebastian. **Rassifizierte Weiblichkeit.** Der Frauenbund der deutschen Kolonialgesellschaft zwischen weiblicher Emanzipation und rassistischer Unterdrückung, Universität Hamburg, 2008.

WESSELING, H. L. **Dividir para dominar: A Partilha da África 1880-1914.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

WESSELING, Henry. **Les empires coloniaux euripéens (1815-1919).** Paris: Gallimard, 2009.